



ALMA NOVA

REVISTA ILUSTRADA

DIRECTORES

LITERARIOS — A. BUSTORFF E MATEUS MORENO
ARTISTICO — SAAVEIRA MACHADO

ANO II □ FEVEREIRO DE 1916 □ N.º 14 (2)

••• LITERATURA •••
SCIENCIAS • E • ARTES

Turismo e Propaganda
regional

Inclusa a edição de
PROPAGANDA
DO ALGARVE

PELOS INTERESSES NACIONAES

A CARESTIA DA VIDA

(CONTINUAÇÃO)

De nossos dias estamos já assistindo a um tal ou qual reviramento do urbanismo, —a tendencia que se tem observado de sempre para o augmento constante das grandes cidades,—que se vae modificando, que vae desaparecendo, mais pela dura experiencia das cousas, do que pelo avisado conselho dos economistas, dos hygienistas e dos medicos.

E' que a vida, no meio do grande turbilhão que attrae e arrasta o camponez para um meio que em geral lhe é adverso, está cada vez mais difficil. É no seu meio, na livre vida dos campos, que elle encontrará remedio a qualquer mal estar, não os devendo abandonar para correr atraz de esperanças fallazes das cidades grandes e ainda menos do estrangeiro.

Os generos agricolas, de producção limitada, augmentam incessantemente de preço. E' uma razão da elevação do preço das subsistencias, o pedido cada vez maior de uma offerta limitada. Assim a população das cidades ha-de ter mais difficuldades de alimentação do que a dos campos, de um modo geral.

O augmento do preço das cousas segue uma lei fatal. E' constante. O kilogramma de carne em Paris, em 1852 valia cerca de 18 centavos, em 1865—24, em 1873—28, e hoje mais de 40.

O preço da vida augmenta inexoravelmente 10% em 10 annos. E' de um por cento, e mais por anno.

Quando ha uma guerra, uma grande festa,

uma exposição, o preço das cousas augmenta, mas desaparecendo a causa não baixa, antes tende a fixar-se ou a subir sempre.

Uma das causas do augmento do preço é a desvalorisação geral do ouro.

Ha 100 annos a producção do ouro era de 12.000 contos em todo o mundo. Em 1890 era de 123.000 contos e em 1910 de 450.000 contos!

Produz-se hoje mais ouro n'um anno do que ha um seculo se produzia em 40 annos. O ouro é uma mercadoria como outra qualquer que, pela sua abundancia, faz subir o preço das cousas.

O que não succederá se n'um paiz como o nosso, de nota desvalorizada, se faz, repentinamente, um augmento da circulação das notas de 40.000 contos por exemplo? E' uma desvalorisação perfeitamente igual ao augmento feito.

Essa desvalorisação, junta ás outras causas, acompanhada da subida geral de preços devida á guerra, dá cousas impossiveis.

Os artigos que sobem mais em França são a carne, os ovos e batatas; entre nós tambem o bacalhau, o assucar e o pão.

Alem da diminuição do valor do ouro e da desvalorisação da nota, o abandono dos campos que até agora se tem feito pelas cidades e por uma vida de aventuras nos paizes d'além-mar, a preferencia que os capitães dão a empresas industriaes, ás vezes pouco certas, quando podiam auxiliar a grande industria agricola, tem feito que a producção

não tenha acompanhado o consumo; d'ahi a carestia dos generos de primeira necessidade.

Na volta á terra o camponez ha-de ver que passa melhor no trabalho sadio dos campos do que tentando o movimento mais allucinante das cidades, sem um trabalho tão exaustivo, sem estar sujeito ás irritações de espirito que alanceiam os homens da cidade, pois cuidam que quanto lhes entrava o caminho é devido a malevolencia do seu semelhante.

Ver viver a terra torna o homem melhor, e como o resultado do seu trabalho é menos rapido, depressa se deshabitua d'esses desejos febris que exigem satisfação immediata, resultado immediato do trabalho d'uma engrenagem ou de um jogo de bolsa. Nos campos o homem é empolgado pela grande força que elle proprio tenta dominar e que em toda a parte se manifesta na vida, cujos fenómenos elle procura dirigir. Beneficiando do trabalho d'outras gerações, sente tambem a necessidade de ser util aos que lhe succederem. Pelos vetustos exemplares da vida vegetal, pelas arvores, sente-se ligado aos que o precederam, bem como deseja ser util aos que lhe succederem, e o seu esforço actual beneficiará tambem outras gerações.

Diz Marcel Prévost que a terra dá ao homem uma lição de paciencia tão necessaria aos grandes emprehendimentos de presistencia, como d'altruismo e de optimismo.

«De persistencia, por que é preciso esperar por vezes quinze, vinte annos, para se tirar producto d'uma plantação; d'altruismo, por que se torna o homem util aos vindouros, assim como os que o precederam e para elle trabalharam; de optimismo, por que está averiguado que as boas como as más colheitas se succedem n'um periodo de cinco annos e que o bem e o mal se compensam no periodo de um lustro». N'um paiz agricola, por que infelizmente o nosso mais nada é, estas ideas devem incutir-se no animo de toda a gente, para que Portugal, não sendo mais nada, não se veja na contingencia de nem ter alimentação sufficiente para sustentar os seus filhos.

E a qualidade da alimentação?

A vegetariana é a melhor. E' a lei das compensações. Aquelles que só podem adquirir comidas baratas são os mais bem alimentados!

E não vamos trazer para aqui o valor alítrix das differentes substancias, nem o numero de calorías desenvolvido pelas leguminosas, sem o inconveniente da alimentação animal, sem o numero e qualidade de ptomainas ingeridas, nem as doenças causadas pelo excesso de alimentação productora de uratos, que dá as enfermidades que atacam as classes chamadas ricas, que ainda n'isso são as mais pobres. A gotta, o rheumatismo, a arterio-sclerose, o arthritismo, a neurastenia não são em geral doenças de gente pobre. A alimentação dos pobres é mais sã.

Ha lá somno reparador que se compare ao do operario agricola que moirejou todo o dia em pleno ar livre e que no verão dorme ao relento, tendo por tecto o ceu estrelado?

É a hygiene natural feita sem se dar por isso que dá os melhores resultados. Aquelle que abandona o campo para se ir metter como operario das fabricas das cidades, prejudica-se a si e prejudica o paiz, por que as suas energias, a sua vida sadia são precisas no campo.

Promovam-se por todas as formas as iniciativas d'aquelles que tiverem o talento de fazer prosperar a industria agricola. Que o exemplo de José Maria dos Santos seja seguido na grande propriedade; que se proteja igualmente a propriedade pequena como a mediana e ao fim de pouco tempo terão mudado por completo as circumstancias calamitosas em que o paiz se encontra.

Curar de repente um mal inveterado, é impossivel!

Prohibir a exportação do ouro, é boim, mas dá vontade de perguntar, — qual ouro?

Uma medida para melhorar os cambios é boa, deve tratar-se d'isso. Dá, porém, vontade de perguntar se alguma vez a Hespanha [já] teve os cambios ao par e acima do par como agora tem?

Nunca os teve! Antes o dinheiro português

tinha sempre premio sobre o hespanhol. É por isso que não tem havido até revoltas pela crise de subsistencias?

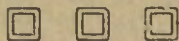
Ainda ha alguns mezes se deram disturbios de certa gravidade em Sevilha, sem que todavia ninguem pensasse em mandar ali navios para protecção dos nossos compatriotas. A Hespanha devia estar nadando em abun-

dancia; mas, pelo que se vê, pouco influiram ali os cambios.

Se os governos forem economicos e tractarem do fomento da agricultura, a situação do paiz melhorará; de outro modo a agravação será cada vez maior.

J. FERREIRA NETTO.

(Eng -Agrónomo)



ZONAS DE TURISMO

E' um dever de todas as regiões industrializarem as belezas com que a natureza as dotou, procurando chamar a si o estrangeiro endinheirado. E' mistér que do Minho ao Algarve se pense de vez a sério em tão importante problema.

O nosso illustre colaborador, sr. Thomaz Cabreira, eminente estadista e homem de Sciencia, que com bastante brilho sobraçou, ainda não ha muito, a pasta das finanças, vae expender agora na *Alma Nova* varias considerações sobre o assunto,—algumas delas já apresentadas na distinta assembleia da Praia da Rocha, por ocasião do Congresso Algarvio, — considerações que hoje muito poderão valer para o estudo e desenvolvimento dos planos de turismo a estabelecer em Portugal. Sobre as diferentes zonas em que para tal efeito divide o paiz, tem sua Ex.^a a palavra.

I—ALGARVE

A provincia do Algarve tem condições excepcionais para constituir uma zona de turismo; o seu clima é dulcissimo no inverno, sendo a sua temperatura mais elevada nessa época que a de Biarritz, da Côte d'Azur francesa e da Riviera italiana. A paisagem algarvia é cheia de encantos e não encontra similhar em qualquer outra paisagem do mundo. A visinhança da Andaluzia dá tambem á nossa provincia a probabilidade de ser visitada por grandes massas de touristes.

Todos os annos veem visitar a Andaluzia muitas dezenas de milhares de viajantes atraídos pelas maravilhas arquitetonicas que ella encerra. A grande linha ferro-viaria de penetração no sul da Espanha, para os viajantes estrangeiros, é a que parte de Medina del Campo e segue por Madrid, Cordova e Sevilha, tendo os viajantes que voltar pelo mesmo caminho quando regressam ao seu ponto de Partida. Mas já existe construida, em via larga, a linha de Sevilha a Huelva e Gibraleon e está em construção o ramal de Gibraleon a Ayamonte, na margem do Guadiana, em face de Vila Real. Construindo uma gare maritima nesta vila, que receba os passageiros que venham da linha espanhola e acabada a linha do Vale do Sado, que encurta o percurso para Lisboa de 65 quilometros, é possível organizar um comboio Sud-Express que leve os passageiros para Medina por esta linha de retorno, visto que a distancia a percorrer é proximamente igual á de Medina a Sevilha.

Assim os touristes que visitam a Andaluzia, em vez de irem e voltarem pelo mesmo caminho, percorriam um anel que seria constituido pela seguinte forma: Medina del Campo, Madrid, Cordova, Sevilha (Ca-

diz e Tanger), Huelva, Faro, Setubal, Lisboa, Coimbra, Pampilhosa, Salamanca e Medina.

Por esta forma uma enorme corrente de viajantes percorrerá o Algarve, e é preciso preparar as cousas para que se detenham algum tempo na nossa provincia. E' preciso organizar uma grande estação de turismo, no Algarve, e para isso está naturalmente indicáda uma zona que compreenda a praia da Rocha e Monchique, porque os touristes tendem a estabelecer-se junto ao mar e nas montanhas. Esta zona precisa ter um bom casino e teatro, com uma orquestra, que dê, pelo menos, um concerto diario; hotéis providos de todo o conforto moderno; campos de golf, foot-ball e tennis; garages de automoveis; yachts e barcos automoveis; boas estradas e um esculpulozo asseio em toda a região percorrida pelos touřistes.

Tudo isto se pode alcançar com esforço perseverante e porfiado, mas tornar-se-ia de facilima realisacão se o jogo fosse regulamentado para esta e para outras zonas de turismo em Portugal: as zonas Cascaes, Estoril, Cintra, Figueirã da Foz e Bussaco.

O concessionario do jogo seria obrigado a construir todas as instalações que figurassem no respectivo caderno de encargos, comprometendo-se alem disso a entregar uma determinada percentagem das bancas que seria repartida entre o Estado e os municipios a que pertencessem as zonas do turismo.

Foi obedecendo á orientacão acima indicada, que em 1912 apresentei no Senado um projecto de lei, que mereceu a aprovação desta camara, mas que foi regeitado pela Camara dos Deputados.

THOMAZ CABREIRA
Ex-Ministro das Finanças

LITERATURA BRASILEIRA

ONDAS DO MAR (1)

(A TONY BINS)

Ondas salgadas do alto mar
Levai, levai, sempre a rolar,
Meu coração cheio de maguas...
Levai-o assim, abandonado,
Como um cadaver de afogado,
Sob a mortalha dessas aguas.

Quero perder-me além nas brumas,
Quero dormir entre as espumas
Das ondas frias do alto mar...
Lá, onde passam os navios,
Como phantasmas erradios,
À luz mortiça do luar.

Ai, que saudade, ai, que amargura!
Sinto tornar-se em sepultura
Este meu pobre coração...
Cantai, cantai, ó marinheiros,
Por entre os brancos nevoeiros,
O *miserere* da paixão.

Sempre deserto este oceano!...
Ai desventura, ai desengano!
Ondas salgadas do alto mar...
Inquietas ondas, sempre tristes,
Dizei-me vós se acaso vistes
A minha noiva aqui passar?

Foi ha um anno. Ai, que tormento,
Ver afastar-se assim tão lento
O dia atroz da despedida!...
Foi ha um anno... ai, dia frio!
Que ella a chorar de mim partiu,
Talvez, talvez por toda a vida.

Sempre deserto este Oceano...
Ai desventura, ai desengano!
Ondas salgadas do alto mar,
Inquietas ondas sempre tristes,
Dizei-me vós se acaso vistes
A minha noiva aqui passar...

Tão linda estava nesse instante,
Assim chorosa e palpitante...
Tão linda estava em sua dôr!
Branca, da côr dos nenuphares,
Vi-a perder-se além nos mares,
Como a illusão do meu amôr.

Um anno já... que eternidade!
E desde então minha saudade
Anda chorando á flôr das aguas...
Eu até penso, ondas geladas,
Que quem vos fez assim salgadas,
Foi o meu pranto e as minhas maguas.

Quanta paixão, quanta amargura,
Vai transformando em sepultura,
Este meu pobre coração...
Ó flôr gentil dos meus pesares,
Talvez, um dia, se voltares,
Me encontres dentro de um caixão.

Ouvi, ouvi, ó marinheiros!
Por entre os brancos nevoeiros
Andam espectros a chorar...
Que sons funereos e tão tristes!
Dizei-me vós se já ouvistes
Vozes tão tristes sobre o mar?

São os lamentos de saudade,
De um coração sem mocidade,
São os gemidos de paixão
De uma pobre alma dolorosa...
Ai, noite fria e tenebrosa,
Noite de dôr e de afflicção!

RIO GRANDE DO SUL (BRASIL),
JUNHO, 1896.

ALBERTO DA COSTA CORRÊA LEITE

N. da R. Devemos este lindo inédito á captivante gentileza e carinhosa dedicação pela nossa revista do Ex.^{mo} Snr. Dr. Arlindo Corrêa Leite, extremosissimo irmão do saudoso poeta que a morte tão rudemente foi roubar ás letras brasileiras na plena alvorada da vida e da inspiração.

(1) O original tem: *Espumas do Mar*.



«PERFIL»

DE
MARTINHO DA FONSECA
ADQUIRIDO PARA O «MUSEU DE
ARTE CONTEMPORANEA»

LITTERATURA

OS MYSTICOS

Noutro lugar dissémos que consideravamos como uma das fundamentaes características da litteratura portuguesa a persistencia dum certo mysticismo intellectual, e summariamente expuzémos o conteúdo que para nós comporta essa expressão de mysticismo. Os topicos, que então apresentámos, constituem um typo muito especifico de estados de consciencia, em que abunda certo hybridismo, queremos dizer em que coexistem as disposições de espirito mais oppostas, como são a acceitação do determinismo e da superstição, dos habitos creados pela educação scientifica e dos grosseiros prejuizos repetidos pela rotina mais ingenuamente crédula. Não é deste mysticismo na accepção de estado da consciencia, que agora nos queremos ocupar, muito embora grandemente delle participe aquella especie de mysticismo, para a qual reclamamos por alguns momentos a attenção: o mysticismo como genero litterario.

O mysticismo para nós consiste no isolamento, tão completo quanto possivel, do mundo exterior, e na meditação sobre um thema unico. Elle é um extremo de subjectivismo porque ou é o proprio espirito esse thema unico da meditação ou, quando se exerce sobre outro thema, é o proprio espirito que fornece os materiaes para construir o edificio. Portanto o mysticismo exclue toda a observação, procede pela mais cerrada logica deductiva e exerce-se pela intuspecção, que desse modo é a principal faculdade do espirito interessada. Este exclusivismo da idea unica, que lia quem chame monoideismo, tanto pode conduzir á liberdade espiritual, pela pratica e aguçamento do dom da intuspecção, como á immobibilidade espiritual, attingindo-se assim um estado muito vizinho da loucura, com total perda da noção de tempo.

A idéa de tempo tem como bases a consciencia das mudanças, da successão das variações, e a consciencia da repetição das mesmas mudanças. Essas variações e essas repetições deixa o mystico de as surprehender na sua flagrancia, desde que mergulha na meditação da idéa unica, inespacialmente e intemporalmente, para attingir a suprema forma do mysticismo, o estado de extase. Isso trahiam os proprios mysticos, quando chamavam à eternidade um *perpetuo presente*. O extase é um estado que se caracteriza pela maxima concentração de espirito, mas tambem por uma actividade do mesmo absolutamente simples, vizinha da suspensão, fronteira dos limites da consciencia. Durante elle não ha attenção, nem sensibilidade, nem sequer receptividade sensorial. As agiographias contém numerosas descrições deste estado de extase mystico, produzido por causas internas ao proprio espirito. Visão se lhe chama nessas narrativas, mas esse modo de o chamar não é exacto, porque presuppõe ainda um desdobraimento para o exercicio do ver, que já não existe, pois uma completa identidade se estabelece então entre o sujeito e o objecto. Acode-nos um exemplo extrahido dum prosadôr mystico que doutro mystico escreveu, uma visão de S. Frei Gil narrada por Fr. Luiz de Sousa: «Celebrava hum dia em Santarem: Eis que no meio da Missa fica subitamente arrebatado: e a cabo de grande espaço torna rindo, e fazendo festas com huma alegria tão fóra do ordinario, que deu em que cuidar a muitos Padres, que acudirão ao rapto, chamados do ministro, e faziam varios discursos tendo por descomposição o que virão, em tal lugar, e tempo. Acabada a Missa, fez-lhe pergunta o Prior polo que vira, e ouvira, como quem fóra shum do que o ministro

chamára: e que causa houvera pera tal, sendo assi que sempre acabava aquelles santos mysterios com lagrimas, e as extasis com queixas, e suspiros. Não pode o Santo negar nada, a quem inquiria como Prelado, e foi-lhe contando, que naquella hora se lhe representara, e vira com os olhos corporais a alma de hum grande seu amigo, e grande Santo, que se lia ao Ceo cercada de resplandores de gloria, e levada por mãos de Anjos.» (1)

O mysticismo è um estado de espirito eminentemente litterario, participa até de attributos do lyrismo, disposição moral que deu origem ás maióres obras primas das litteraturas do mundo; delle se differença porém porque o lyrismo é sentimental, e o mysticismo é tambem racional e tanto o é que deu base a uma philosophia das mais coherentes e harmonicas construcções metaphysicas. Tambem participa do moralismo, mas delle se aparta em que o moralismo pode ser, e é-o frequentemente, activo, e o mysticismo é sempre passivo.

Na sua forma religiosa, o mysticismo foi fomentado pela religião christã. E' elle «a doutrina philosophica, que acceita a communicacão com a divindade e que, como processo, consiste na indagação introspectiva do que se passa num espirito, fiscalizando severamente todo o seu mecanismo, não vá elle affastar-se um passo da vereda directa que a Deus conduz...» (2), ou mais simplesmente, segundo a pratica de cada um, a realização do reino de Deus a dentro da propria consciencia. Esta simples coisa foi a innovação essencial do christianismo e a maior revolução da historia. A principio por abnegação, logo a seguir pelo flectir-se do espirito sobre si mesmo, os primeiros christãos desinteressaram-se dos bens do mundo terreno, renunciaram á felicidade terrena do bem estar, que os bens terrenos unicamente podiam porporcionar, e sentindo dentro do proprio espirito a liberdade, a

eternidade e a felicidade, architectaram o bello sonho da sua fé, o reino de Deus.

Os tres escriptores, que constituem o assumpto deste capitulo, são exemplos dos muitos espiritos que pela historia adeante viêram reconstituindo esse extincto sonho. Perdendo a realidade, o sonho do reino de Deus foi ganhando em recursos imaginosos, em pictorico, em variedade e complexidade. Em vêz dum simples quadro, a ridente paizagem oriental, assoalhada, um lago tranquillo, um bando de pobres, que da pobreza se orgulhavam, e os ensinamentos apraziveis, em parabolas, imperativas sentenças e exemplos dum mestre adoravel, em vez do seu martyrio, no seu tempo muito commum, que taes eram os materiaes que á meditação dos primitivos mysticos se offereciam—os futuros mysticos tivêram todo o grande edificio do christianismo como instituição social, como moral, como philosophia, como organica concatenacão de todos os sentimentos, actos e pensamentos da consciencia humana; tivêram tudo que a historia multiseccular, a imaginacão e commentario dos Padres accrescentou ao primitivo christianismo galileu.

Isto fez do mystico um pensador e, quando se aprimorou na moda de registar e expressar a sua meditação, um escriptor. Era agora bem differente do antigo mystico que, segundo Renan, «sans rêve millénaire, sans paradis chimérique, sans signes dans le ciel, par la droiture de sa volonté et la poésie de son âme, saurait de nouveau créer en son coeur le vrai royaume de Dieu!»

E' o seculo XVI que em Portugal produz os primeiros corypheus desse genero. A religiosidade medieval sentindo-se tranquilla e ao abrigo de intimas dissencões e sem os progressos mentaes, que a Renascença traria, foi espontaneamente descuidada, só se applicando em defender-se com as armas da guerra dos inimigos externos, dos infieis. Mas as grandes scições da reforma lutheriana obrigaram o christianismo a defender-se dos seus inimigos internos com as mesmas armas e tambem com as armas do espirito. O mysticismo litterario toma assim um character doutrinario, de ca-

(1) *Primeira Parte da Historia de S. Domingos*, Lisboa, 1866, vol. 1.^o

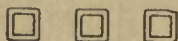
(2) *Caracteristicas da litteratura portuguesa*, Lisboa, 1915, reimpressão.

thechese, e em Portugal ainda o de refugio de alguns espiritos combalidos; pois os tres principaes escriptores, Fr. Thomé de Jesus, Fr. Heitor Pinto e Fr. Amador Arraes, deste ge-

nero só numa phase adeantada do quinhentismo se revelam, quando as desgraças da patria já eram materia de sérias apreensões.

FIDELINO DE FIGUEIREDO,
Socio da Academia das Sciencias de Lisboa.

Estas paginas são as de abertura do capitulo *Os Mysticos* da obra intitulada *Historia da Litteratura Classica*, (1502-1825), ainda em preparação. — A REDACÇÃO.



UMA RUINA

A MATEUS MORENO

*Semelha o meu perfil uma ruina :
Palacio em sombra—ao fundo o sol—poente.—
Semelha o meu perfil, nocturnamente,
O extase duma arvore divina!*

*Mas eis que ao alvo luar se transfigura,
E, branco de luar, divaga e sonha!
E essa ruina esfingica e tristonha
É uma clara e astral architectura.*

*Ó perfil da minha alma, sempre inquieta :
Meu perfil melancólico de poeta,
De trovador do sul, a amar cantando...*

*Olhos escuros, fundos de penumbra,
Que só a luz dum doce olhar deslumbra...
—Janelas dum palacio miserando!*

POETAS E ESCRIPTORES NA INTIMIDADE

*Eça de Queiroz revelado por uma illustre senhora de sua familia e intimas relações,
—a distinta escriptora D. Conceição d'Eça de Mello.*

EÇA DE QUEIROZ

Pedindo-me os directores da *Alma Nova* para revelar aos seus leitores a personalidade intima do grande escriptor que foi Eça de Queiroz, decerto só tiveram em conta que essas recordações do amigo e parente a quem vi mor-



EÇA DE QUEIROZ

rer a 16 d'Agosto de 1900, seriam dictadas pelo coração, e escriptas á luz da mais enternecida saudade.

Não é, pois, um estudo critico á obra do grande mestre que vou deixar nas paginas d'esta revista, que os seus directores querem iniciar prestando homenagem ao grande romancista portuguez, que, mau grado tantos que ainda hoje o invejam, enriqueceu as letras patrias com inestimaveis joias.

Não é, como já disse, um estudo critico á sua obra, mas apenas o perfil do mais original espirito, da mais bella individualidade moral, cujo encanto só aquelles a quem foi dado viver na sua intimidade, puderam bem avaliar.

Eça de Queiroz nasceu na Póvoa de Varzim e passou a sua primeira infancia na casa familiar (perdê-se-me o anglicismo) paterna, aonde então só vivia a sua avó.

Era situada essa casa em Verde-Milho, povoação nos suburbios d'Aveiro.

A avó, já bastante idosa, adorava o neto, creára-o de pequenino, e para as avós os netos, são como um renovo do coração, um raio

de sol que atravessa as pesadas nuvens da tristeza, e quantas vezes do abandono, e vem bater nos gelos da velhice irisando-os com as alegres côres da felicidade.

N'essa amimada primeira infancia, de que o romancista guardava no fundo do coração uma enternecida memoria, a sua intelligencia era já de notar.

Aprendeu as primeiras letras e fez esses primeiros estudos, ordinariamente tão fastidiosos, que hoje a pedagogia tem procurado aligeirar, mas que, n'aquelle tempo, eram para os espiritos infantis um verdadeiro pesadêlo, com incrível facilidade.

Quando tinha dez ou doze annos morreu-lhe a avó, e seus pais, José Maria Teixeira de Queiroz e D. Carolina Augusta Pereira d'Eça, descendente do principe D. Fernando, cujo solar era a casa d'Eça em Monsão (!), que de ha muito anciavam por tê-lo junto a si, trouxeram-no para o Porto e decidiram fazê-lo continuar os seus estudos no collegio da Lapa, do qual era director Joaquim da Costa Ramalho.

N'esse collegio leccionava então o filho do director, José Duarte Ramalho Ortigão, que em breve se affirmava um grande escriptor.

Ainda ha pouco a morte o levou, acompanhado pela saudade de todos que o conheceram, e o admiravam como vulto de primeira ordem na litteratura portugueza.

Ramalho, então muito novo, mas já homem, logo distinguio entre os discipulos aquelle rapazito de extraordinaria applicação, sabendo sempre achar a expressão propria e espirituosa para

(1) Vide — Collecção Pombalina. Collecção dos manuscritos: Eças.

castigar uma ousadia, ou estygmatisar um sentimento pouco nobre.

O seu olhar fino e intelligente, o seu ironico sorriso revelaram desde logo, ao que depois seria seu amigo intimo e seu collaborador, que ali, n'aquelle corpo franzino de criança vivia um grande espirito.

Mestre e discipulo sympathisaram e, apesar da differença de idade, tornaram-se amigos, com essa forte e viril amisade que torna irmãos pela secréta affinidade intellectual e moral, dois homens ás vezes nascidos em pontos muito distantes.

*

Terminados os preparatorios, cursou em Coimbra a faculdade de direito, e aos vinte e um annos, terminado o curso, voltava a Lisboa aonde seu pae viera fixar residencia, e aonde desejava vê-lo advogar.

Bem queria Eça de Queiroz comprazer com o pae, mas as borboletas, flores aereas, não podem rastejar na terra; precisam do ar, da luz, das alturas para encontrarem a plenitude da felicidade.

Elle, com a sua alma de poeta, com a sua brilhante imaginação, acampanhada de uma rara faculdade de observação, anciava por uma vida mais intensa, e por uma scena mais vasta do que a que lhe proporcionaria um escritorio de advogado na nossa tão linda, mas tão pequena cidade de Lisboa.

Decidiu-se pela carreira consular, e, preparando-se para o concurso, tão brilhante o fez que na secretaria dos estrangeiros davam como modelar.

Já então no rapaz estudioso surgira o literato, e de parceria com Ramalho fundára a publicação intitulada *As Farpas, chronica mensal da politica, das letras e dos costumes*.

O que foi essa publicação, está ainda na memoria de todos. Durou talvez cinco annos, e fez época em Lisboa, e até mesmo no estrangeiro onde mais de uma vez jornalistas notaveis se lhe referiram com palavras de justo louvor.

As Farpas foram em Lisboa, o que ti-

nham sido em Paris *Les Quêpes*, d'Alphonse Kar, mas com mais *verve*, mais espirito, e sobretudo com mais fina observação critica,

Os seus dois directores eram dois ironistas de uma graça inegalavel, elegante, leve, sem chocarrices nem plebeismos. Seja porém dito, com verdade, por ser fina e leve, nem por isso deixava de ferir certo e fundo aquelles a quem punha em fôco.

Eça de Queiroz publicou tambem por essa época, creio que um anno antes, e tambem de collaboração com Ramalho Ortigão, o seu primeiro romance: *Mystherio da estrada de Cintra* que viu a luz em folhetins no *Diario de Noticias* e produziu em Lisboa uma verdadeira revolução.

Ha nas descripções d'aquelle bem feito romance tanta verdade, são tão vividas as scenas, que a principio se julgou um facto succedido o que só era fructo da imaginação dos auctores, e muita gente se apavorou com a extraordinaria tragedia.

Eu estava então fóra de Lisboa, na provincia da Estremadura. Alguem me fallou no sinistro caso, do qual, diziam, a policia ia inquirir. Quiz ver o jornal. Trouxeram-m'o. Li-o, sorri-me e disse a quem m'o mostrava.

«—Não se assuste, isto é um romance escripto pelo Eça de Queiroz».

Conhecera-lhe a maneira, sempre inconfundivel.

*

Antes do seu concurso foi nomeado administrador do concelho de Leiria, para cumprir a clausula da lei que só admittia ao concurso para consul, quem tivesse pelo menos seis mezes de serviço publico.

Foi em Leiria que escreveu o *Crime do Padre Amaro*, no qual os malévoloos quizeram vêr um plagiato do romance de Zola, *La Faute de l'abbé Mouret*, o que só póde dizer quem não tiver lido com attenção nenhum dos dois romances.

Pertencem á mesma eschola, são igualmente grandes os seus auctores, mas a unica semilhança entre os dois livros, cifra-se em sereni padres os heroes de cada um d'elles.

Para plagiato é pouco.

O Crime do padre Amaro é um estudo da vida beata provinciana, *pris sur le vif*.

E' a vida da provincia portugueza, em um meio burguez, estudada tão conscienciosamente, com uma tal delicadesa de observação, que cada um dos capitulos do bello romance é um *cliché*.

Em toda a vasta obra de Eça de Queiroz ha muito que aprender, mas o estudo é difficil, não porque ella seja fragmentaria, mas porque o escalpello de que elle se serve desce tão fundo e a mão que o segura é tão firme que, para bem apreciar o trabalho do romancista é preciso conhecer bem o meio que elle analysa. Quem o não conhece julga exagero o que é na verdade só probidade litteraria.

Dos authores contemporaneos, um dos que mais admirava, era Flaubert, de quem nos *Echos de Pariz* diz ser *um poderoso artista, um dos maiores d'este seculo*.

Havia entre elles, alem de outras affinidades, essa da probidade litteraria, tão exagerada, que lhes não permittia descrever uma paisagem, uma terra, um meio, que o não conhecessem de *visu*. Muitas vezes ouvi Eça de Queiroz quasi lastimar-se d'essa bella qualidade de escriptor que lhe não permittia um trabalho rapido. Tambem Flaubert procedia assim. *M.^{me} Bovary* levou-lhe tres annos a escrever *Salammbô* quasi cinco, e o incomparavel livro *L'Education Sentimentale* dez!

Muitos não souberam comprehender esta, emquanto a mim qualidade, — a que chamaram defeito; — mas a esse defeito, se o era, chamarei um feliz defeito de artista, porque era o complemento d'aquelle precioso trabalho de observação de que são enriquecidos cada um dos seus livros.

*

Nomeado consul para a Havana, para lá partiu, voltando algum tempo depois a Portugal, para, acompanhado pelo conde de Rezende, Luiz, emprehender uma viagem á volta do mundo.

Por lá se demoraram, não me lembra ao certo quanto tempo, mas d'essa viagem, feita

com o amigo que depois seria seu cunhado, guardava o mestre agradaveis recordações.

Pouco tempo depois do regresso a Portugal, foi transferido para Bristol, e de lá veio ao Porto para casar com uma irmã do conde de Rezende, linda, como sabem ser lindas as mulheres portuguezas.

Emilia de Castro Pamplona, de uma belleza suave, dotada de suprema distincção, é uma creatura de sonho, um ente feito de encanto.

Dos seus bellos olhos, retratando a mais bella alma, irradia a intelligencia, sente-se que ha ali uma individualidade muito superior ao vulgar das mulheres, e que ella é bem aquella que, de todo o sempre devia ter sido destinada para o homem excepcional, que foi José Maria Eça de Queiroz.

O grande romancista amava-a com uma profunda affeição, com um d'esses affectos feitos de ternura e admiração, que são para a mulher a mais luminosa corôa de gloria, quando as inspira a um homem do valôr e gosto do author do livro *Cidades e Serras*,

Pai de quatro filhos, trez rapazes e uma senhora, não teve a felicidade de os ver crescer, e de se orgulhar da galhardia d'elles e da fresca e viçosa belleza da filha.

Em Inglaterra viveu o romancista o seu noivado e ainda alguns annos mais.

Passavam os dois muitos mezes na sua casa de Bristol, e vinham estar a *season* a Londres aonde os chamavam os prazeres da vida elegante.

Eduardo VII, então príncipe de Galles, apreciava o convivio de Eça de Queiroz e o honrava chamando-lhe amigo.

De Bristol foi Eça de Queiroz transferido para Pariz, aonde viveu até 16 de Agosto de 1900, em que a morte impiedosa o veio buscar, quando ainda tanto havia a esperar do seu pujante talento.

Da sua vida em Pariz fallarei aos leitores no proximo numero.

25-10-15

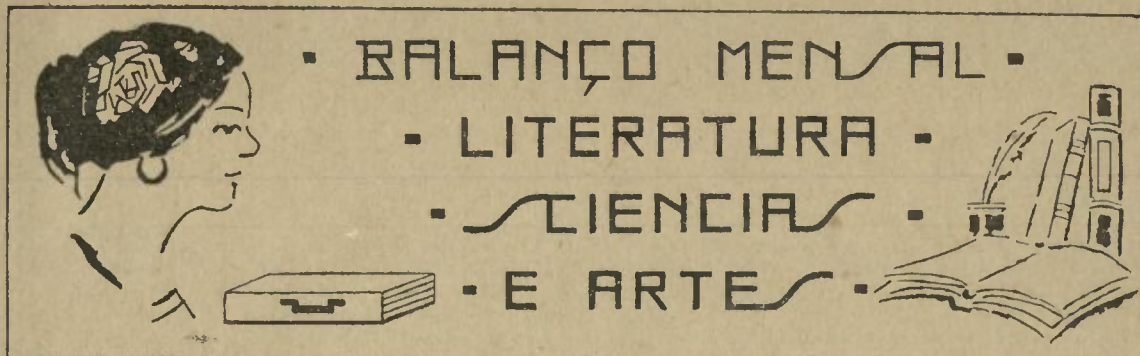
C. D'EÇA DE MELLO

(Continua)



«ESTUDO»

DE
ALBERTO DE LACERDA



Dr. Ataíde Oliveira

Para a redacção da *Alma Nova* a morte do dr. Ataíde Oliveira foi profundamente triste.

E nem podia deixar de ser assim, porque ele era para nós um amigo verdadeiro e um mestre paciente que em férias nos ministrava conhecimentos uteis, elucidando o nosso espirito e satisfazendo a nossa curiosidade.

Já ele tinha feito juramento de não escrever palavra, e, mesmo assim, movido pela nossa ansiedade, esqueceu o seu juramento, colaborando na nossa Revista, com todo o carinho e satisfação. Chega até a fornecer-nos original para muitos numeros com medo de alguma doença.

«Como é costume velho, (diz ele em carta de 22 de junho proximo passado, dirigida á *Alma Nova*) e os costumes fazem lei, tratei de escrever alguns artigos acerca das mouras encantadas em Silves, Faro Távira, Fonte do Espiche e Loulé, para nos mezes de setembro, outubro novembro e dezembro, dar que fazer á *Alma Nova*, porque nesses mezes devo estar doente e não escrever nem uma palavra».

*
* *

Ataíde Oliveira nasceu no Algoz, concelho de Silves, povoação visinha da pitoresca terra de João de Deus.

Passara a sua mocidade no seminário de Faro, onde se fez padre, indo em seguida para Coimbra bacharelar-se em Teologia e em Direito.

Fôra depois para Loulé, terra onde aos 73 anos terminou os dias da existencia.

Foi em Loulé que ele iniciara a sua vida de advogado, apresentando-se na luta do fôro como um combatente audaz, mas adversário leal, revelando, a par duma intelligencia robusta, uma rectidão de caracter pouco vulgar.

Fez-se depois conservador do registo predial daquela comarca, continuando sempre na amavel companhia dos livros, principalmente do genero narrativo.

Mas na sua alma existiam dois sentimentos poderosos, desses sentimentos que enobrecem e que glorificam: — o amor que consagrava ás criancinhas e o amor que tinha á sua linda provincia.

Era preciso testemunhar essa dupla afeição, era preciso manifestar esses sentimentos.

E como realizar melhor esse intento do que consagrando-lhes alguns livros?

E' por isso que o vemos publicar os *Contos Infantis* em 2 volumes, o 1.º dedicado ao sexo feminino,

o 2.º ao sexo masculino. E' por isso que o vemos publicar em quasi todas as suas obras retratos de creanças.

Este amor que ele nutre pelos pequeninos, é tão grande que o faz já no ultimo quartel da vida produzir mais uma obra.

«O frio de mais de sessenta invernos» escreve ele na Monografia de Estombar, enregelou-me os membros e entorpeceu-me a intelligencia; e tudo isto agravado com a falta de vista, que se me vae tornando mais sensível. Se não fôra o desejo intimo de vincular a este livro o nome de uma creança, minha afilhada, e filha querido de uma illustre familia da minha terra natal, que me custumei a amar e a respeitar desde a minha infancia, talvez não empreendesse esta publicação».

A titulo de curiosidade, devo acrescentar que Ataíde Oliveira assistia a quasi todos os exames d'instrução primaria, realizados em Loulé, e premiava quasi sempre os examinados com os seus livros. Além disso, tinha um dia marcado no ano para oferecer, principalmente ás creanças, um lençinho com bonécos...

Mas o amor ao Algarve era tambem muito grande e isso fez que ele admirasse todos aqueles que trabalhavam em beneficio daquela provincia. E' assim que se explica o aparecimento da Biografia de D. Francisco Gomes de Avelar, antigo bispo daquela diocese a quem o Algarve mais deve.

E' em virtude d'isto que ele vem sempre trabalhando, embora a sua mão tremula já quasi não consiga fazer letra intelligível.

«Dizem que eu tenho péssima letra, mas já estou velho para a substituir por outra.» (Carta de 15 de maio de 1915, dirigida á *Alma Nova*).

Não procuro aqui fazer uma critica ás obras do erudito escritor e incansavel investigador, porque me falta a competência para isso. No entanto, não julgo ousadia afirmar que as suas obras, urdidas numa linguagem simples mas pura, são dum merecimento inegalavel; pois que nelas, desde os Contos (infantis e tradicionaes) até ás Monografias, desde o Cancioneiro (lição de Loulé) até ás Mouras encantadas, se define sincera e fielmente a alma do povo algarvio e se traça uma discrição mais ou menos completa do Algarve.

Para todo o curioso que quizer conhecêr aquele rincão do sul, desde as suas origens remotas até aos caracteres, usos, costumes e superstições da actualidade, terá de compulsar as obras do dr. Ataíde Oliveira.

Podem alguns criticos mais escrupulosos encontrar-lhe defeitos, mas a esses convem recordar-lhes que Ataíde Oliveira, vivendo afastado dos centros lite-

rários, não podia muitas vezes debelar certas dificuldades.

Algumas vezes pediu-me ele que consultasse certas obras da Biblioteca Nacional ou então perguntasse ao meu sábio professor dr. Leite de Vasconcelos, de quem ele era muito amigo e a quem, a par de Estácio da Veiga e Emilio Hübner, admirava grandemente.

E não o acusem de pouco fiel nas suas descrições por falta de rigorosa observação. Ainda nos princípios de setembro, escreveram-lhe de S. Braz de Alportel, noticiando o aparecimento de uma moura encantada a certa rapariga. Pois o nosso bom velhinho, embora já cansado, acode ao local para se certificar da autenticidade do facto e como tudo se havia passado.

Emfim, Ataíde Oliveira merece de todos o respeito e a veneração, porque foi um trabalhador incansável e um bom em toda a acção da palavra.

Para robustecer o que acabo de expôr, basta citar uma frase que eu ouvi da bôca do dr. José Leite de Vasconcelos: «O dr. Ataíde é um benemerito».

E para aqueles que conquistam este nome pelo seu trabalho, pela sua intelligencia e pelos seus dotes moraes devemos nós ter uma alma cheia de admiração e curvar-nos respeitosaente ante a sua memória.

Lisboa, Dezembro, 1915

JOSÉ GUERREIRO MURTA
da Faculdade de Letras



CRONICA DE ARTE

SOCIEDADE NACIONAL DE BELLAS ARTES

Exposição de Aguarellas. Desenho e Miniatura

AGUARELLAS

Esta exposição de aguarellas adquiriu, entre os demais que a Sociedade Nacional tem promovido, uma importância grande na evolução actual de arte portuguesa.

Não me animo com as promessas dos artistas, fora da sua arte. Cada voz tem o seu timbre, e eu quero ver cada um no seu lugar, como á boa ordem das coisas, de todas as coisas, é rigoroso mister. Palavras são palavras, nada mais; e o Português, que muito fala, tem no *folklore* nacional o aforismo da quadra de vozes femininas que diz:

Cantigas leva-as o vento...

Por isso eu creio sem enthusiasmo; sou como S. Thomé; vejo primeiro e acreditarei depois.

O estudo, porém, das obras expostas no salão da Sociedade Nacional é animador. Por certo, havia por lá coisas que não deviam de apparecer, mas não desfazem a conclusão tirada conscientemente da analyse de tudo o que appareceu de bom. O que em primeiro lugar dispunha bem o espirito era a abundancia de quadros bons, coisa para admirar em uma epoca da tão banal espirito artistico. Estava-se habituado a vêr uma percentagem colossal de obras más ou mediocres, em que por vezes os mestres jogavam as escondidas com os discipulos...

O colorido geral encantava pela suavidade dos tons. Isto não devia de estranhar-se num país como Portugal, em que tudo é côr; mas parece que a trans-

missão consciente é menos rutilante do que a inspiração. Toma-se importante que o artista receba perfeitamente a côr do seu país. E nenhuma dificuldade maior ha do que reproduzi-la. Era esta a victoria que esperava dos artistas da minha terra. Ou a côr da paisagem portugêsa tem mysterio muito seu ou os artista d'ella a recebem com pouca sympathia. Vou em todo o caso pela primeira dijunctiva, por crer que effectivamente o sol é um dogma portugês.

O valor da exposição de aguarellas está precisamente aqui. Foi percebida a côr. Havia por vezes faltas na terra ou no céu, tão nosso este como aquella, mas o colorido nacional espriava-se pujante. Quando passará definitivamente ás telas?

A aguarella é a arte das borboletas. O pincel mais leve melhor corre, mais encantadora obra produz, porque, impressionista por natureza propria, a aguarella modernamente é um contraste de coloridos. Que distancia enorme vae das illuminuras de missaes e antiphonarios, ou, antes, das aguarellas de côres planas do seculo XVIII, até ás obras primas de Walter Crane, Decamps e Régnault, Pasini, Fortuny, e as dos mais recentes aguarellistas ingleses, franceses e italianos?

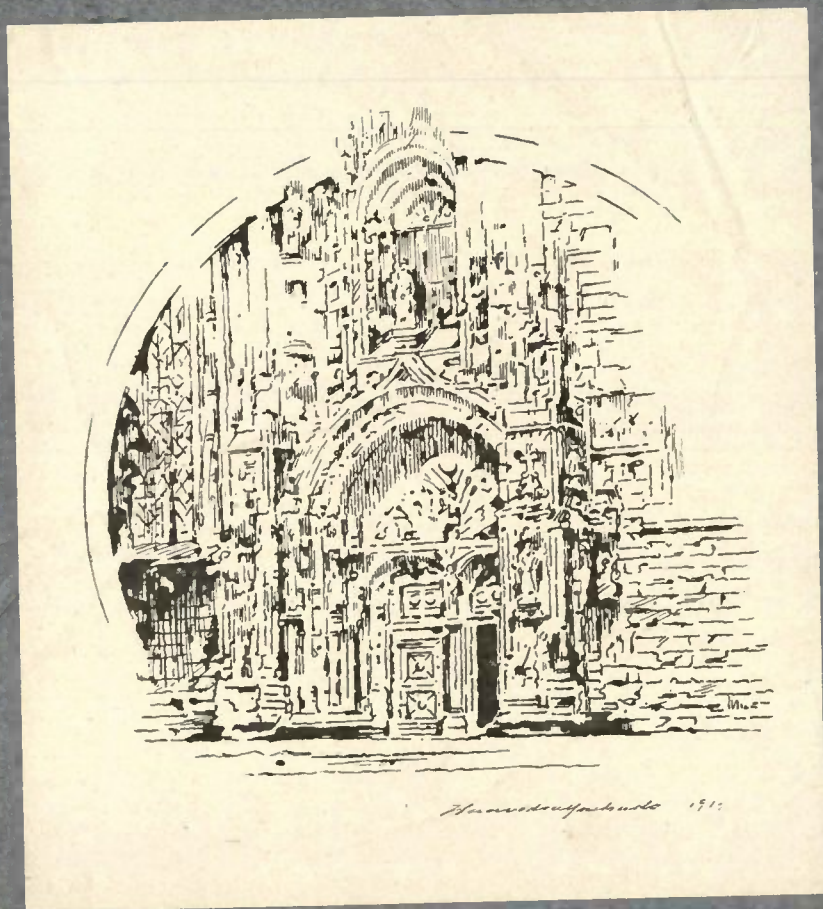
A aguarella em Portugal não tem tradição; não houve por cá, como em Hespanha, um Fortuny animador e grande mestre. Nem como na Inglaterra, país de *Water colours* por logica e ambiente, ou como na Lombardia pittoresca, de tradição revivente, se constituiu jámais o núcleo estimulante de aguarellistas.

Como a musica, a aguarella, transparente e comunicativa, fez-se a arte de hoje, e o melhor espolio do seculo passado. Os artistas da côr ahí tem o seu escopo. Nova em Portugal, pois que só é velha com Roque Gameiro e Casanova, está a desenvolver-se com facilidade. A terra foi sempre lyrica em nossos cantares; não ha motivo para que novos troveiros a não sintam e transmitam com a mesma facil intuição. Creio que se adapta bem a aguarella em paisagens de sol portugês. Cheia de leveza de desenho e transparencia de côr, como é sua essencia propria, aguarellar em Portugal coincide com a copia sem mysterios, nem contrastes desmedidos. Ahí está o segredo da arte. E, talvez por isso, a aguarella tão tarde se naturalizou cá.

Os aguarellistas, este anno, mostraram que emfim ha aguarella em Portugal.

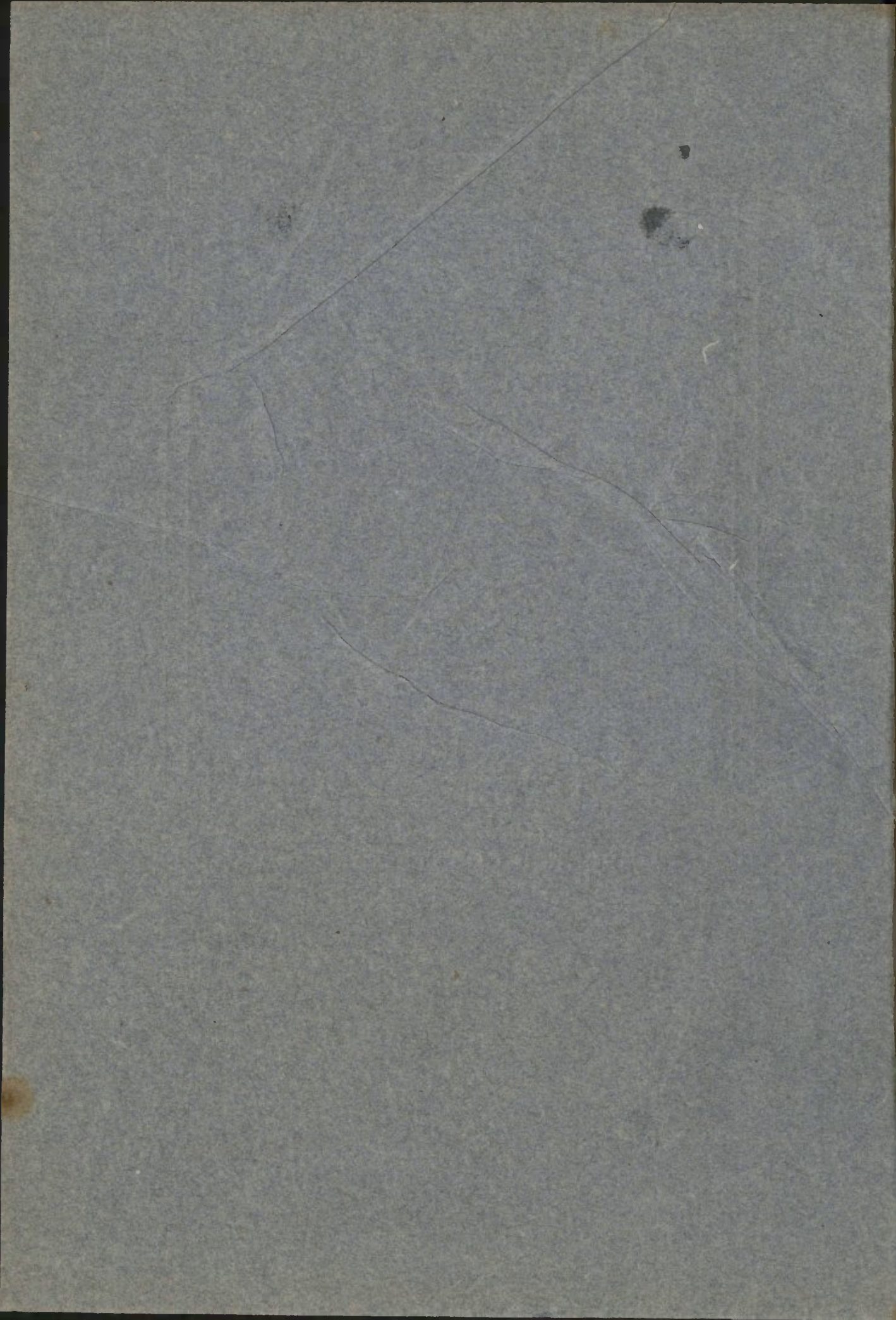
A frente de todos, estão Roque Gameiro e Alves de Sá.

Roque Gameiro foi quem fez só por si a tradição da aguarella, que tem entre nós o comprimento da vida artistica d'elle. A galeria com que se apresentou era de vinte e três aguarellas (n.ºs 131 a 153 do *Catalogo*). Principalmente desenhador, e primoroso, esquece-se por vezes de que a aguarella se não compadece com o rigor demorado do traço. E é de lastimar, porque mancha com toda a mestria os tons largos dos fundos, que são deliciosos. Um exemplo de valor tem porém alguns desequilibrios notaveis: os pinheiros que nos mostra são em geral novellos de verdura; o céu do *Alpendre* (139) é uma praga; e na *Familia de pinheiros* (132), á parte o fundo, que é um encanto, o resto não passa de um desastre improprio de um desenhador como Gameiro. Uns pinheiros naquelle plano, com um vulto exagerado, uma côr viva, e os bois cá á frente, pequenissimos e sem porpoção com a distancia e o campino mais o



«PORTICO DOS JERONYMOS»

DESENHO INÉDITO DE
SAAVEDRA MACHADO



cavallicoque... E' verdade que o belleza da série que apresentou salvam estes senões.

Alves de Sá tem entre os aguarellistas actuaes a primazia da precisão da côr, nos moldes da aguarella moderna de Rochegrosse, de Carcano e Paolo Sala, mas sobre tudo dos processos ingleses de Goodwin, Laurenson, e do sueco Zorn. Tem uma tão facil apprehensão da linha e colorido, imprime uma vida tão forte e real ás paisagens, principalmente arborizadas, que receio, como já o experimentei na ultima exposição d'elle no *Salão Bobone*, vá cahir no traslado a frio. *A manhã nublada* (6), *Barcos no Tejo* (7), *Choupos no Ontono* (8), *O Cravo* (11) formam a mais completa demonstração do colorista, em paisagem de rio, de terra, de arvoredo, de tão diversas tonalidades. No *mendigo* (9) foi tão infeliz pela dureza do céu e ardor da luz, como no *Recolhendo a casa* (14) magistral.

A par destes, evidenciou-se **Leitão de Barros**, numa boa prova de valores. Ponho em realce as *Casas á tarde*, em Obidos (26), que era trabalho bem feito, com aquella mancha de sol doirado a bater no velho castello. A apparição de luzes n' *O Arco da Misericórdia* de Obidos (29), tem certeza de modalidades de côr. Outra aguarella traballada com consciencia era a *Doca de Belem* (32). Na *Romã* (34) aproveitou jogos de luz que na aguarella são delicadissimos, pela ligação das manchas espelhadas, leves, brilhantes, com a côr subtil do campo em que rutilam. O colorido deste artista é franco e facil.

João Vaz, o mestre das marinhas, surgiu com tres aguarellas terrestres, duas dellas muito leves. Aquelle céu de *A Torre* (165) faz o terceiro em que topo com desgosto. Na boa singeleza do processo e na elegancia do desenho, aquelle docel é inglorio.

Alfredo MIGUEIS faz, por vezes aguarellas curiosas. As melhores são as de Setubal e uma ou duas do Funchal. Tem boas condições para ser artista magistral, mas deve por isso de formar mais desenho. Se a aguarella não ganha com o exaggero do desenho, incompativel como nasceu com esses rigores, não é nada sem desenho. A côr que emprega sae facilmente e a marcação da luz pela apparencia do papel é bem achada.

Gilberto Renda fez uma aguarella que lhe vale por maior galeria. *A Espanhola* (121) tem um encanto de frescura e côr. Porque não applica á tela a mesma intuição? Tem um pincel pesado e talvez a aguarella seja indício de melhora technica e esthetica. Veremos.

Eduardo Romero expôs um *estudo* (130) que é incontestavelmente um dos melhores trabalhos das salas. Só lastimo que seja um quadrinho tão pequeno e elle perca o valor da sua visão artistica em ninharias de bello trabalho. Porque de resto está alli uma obra prima.

D. Helena Roque Gameiro, em alguns quadros, e **D. Hebe Gomes** em dois (60 e 63) salvam o bem desagradavel sentimento artistico de algumas damas que com ellas concorreram. Quanto aos exotismos da S.^a Mily Possoz, faltam-lhes tantas virtudes e tanto desenho que olho para elles sem perceber o que podem ser. É parece-me que uma dama não deve de fazer aquellas coisas, tradicional por natureza, só revolucionaria com o feminismo. A verdade porém é que sou muito reaccionário. Virtude que deveria de ser só feminina, ou feminina essencialmente por psychologia do sexo.

DESENHO

Os desenhadsres progrediram. A falta de desenho acompanha, cá pelo menos, a ausencia de ideal. Or-

dinariamente, é o que se vê, a furia artistica traduz se na mais esteril e inoffensiva pobreza de linha. Quando apparecem os desenhadores, cheios de traço e de modelado, habituei-me a inclinar-me respeitosamente.

Nesta exposição vieram apparecer os melhores desenhadores entre as gerações novas. E ella é por pouco uma apothecose do desenho.

Alves Cardoso contribuiu com dois carvões e algumas sanguineas. O carvão d'elle é aggressivo, mas preade, por isso mesmo que está bem feito. São menos Sargent do que Raffet, mais Whistler. Algumas das sanguineas, o *Retrato de Madame B. B.* (169) por exemplo, são de mestre.

Bonvalot expôs *croquis*, alguns de raro mérito, como os n.^{os} 176, 179 e 181. O mesmo fez **Raul Carneiro** que, com grandes estudos desastrosos, expôs *croquis* de valor. Tambem são muito felizes os de **Ressano Garcia**, cujos outros trabalhos desmerecem.

Lacerda tem magnificos trabalhos, de que sobresaem os estudos n.^{os} 221 e 222, sanguineas delicadas, admiraveis de graça e de linha.

Eduardo Romero desenhou três cabeças a sanguinea, que tem apreço (241, 243) e requerem applicação.

Edmundo Tavares, architecto, sabe desenhar, o que aliás tinha mostrado já nos projectos e planos de architecturas, apresentados em exposições anuaes da *Sociedade Nacional* (245).

João Vaz expôs um grande carvão, do *Convento de Christo* (246) que tem uma só classificação possivel; é uma maravilha de desenho e bom gosto.

Fecha a série de desenhadores o mais promettedor de todos os artistas novos. **Martinho da Fonseca** não é só um bello desenhador, tem uma alta visão artistica que ha de fazer d'elle, não muito tarde, um artista seguro, senhor da sua arte. Os oito desenhos que expôs têm um cunho especial. A individualidade, caracteristica do artista consciante e feito, marca-se n'elle com vigor. Os desenhos não podem ser de outro, são incontestavelmente d'elle. E' o maximo elogio que posso fazer-lhe agora.

MINIATURA

Apenas havia de valor artistico uma de Alberto de Sousa, de bom desenho, bem composta e de agradável colorido.

LUIS CHAVES

N. da R.—Em virtude de «surpresas» provenientes da composição tipografica dos originaes que possuímos, vemo-nos, com desgosto, coagidos a retirar melade da *Cronica de Arte* do nosso presado colaborador e distinctissimo critico de arte sr. Luiz Chaves, onde eram apreciadas as exposições do pintor José Campas e a de «Ar livre». No proximo numero,—a sair muito brevemente,—remir-nos-hemos de tão justificada falta perante o aulor.



BALANÇO TEATRAL

A cronica do mez que passou: Uma peça encantadora e um notavel revelação de preciosidade artistica; um grande ator que volta. Uma ideia, infeliz e uma peça má. A visita d'um ator celebre e as conclusões do eronista.

Quero propositadamente falar-lhes em primeiro lugar, ao encetar estas minhas cronicas de teatro,

d'esse «Frei Luiz de Sousa» sobre o qual, quiçá, tudo foi já dito; não vou por isso referir-me ao drama em que o terror e a piedade são, nas suas linhas gerais, o fundo da tragedia pungente d'aquelas almas martirizadas, e de que Almeida Garrett soube extrair por uma forma admiravel e suprema, a dolorosa emoção d'aqueles sentimentos em toda a sua gama, que perdura e nos confrange galvanizando-nos os nervos.

Quero falar-lhes antes d'essa criança que chamou ao Nacional durante noites consecutivas um publico numeroso e inteligente, e para quem o seu aplauso unanime e entuziastico foi a sua consagração como artista: refiro-me — os senhores já o sabem — a Judith de Castro.

Com os seus 13 anos sómente, o publico e a critica — essas esquisitas esfinges da opinião que encerram em si misteriosamente o segredo do exito, — um tão injusto por vezes, a outra tão avára de elogios quando se não distribui a rôdo seu consciencia nem criterio, coroaram aquella mocidade cheia de talento e de vocação com os aplausos mais carinhosos e quentes de que tenho memoria em minha vida, em todo o extraordinario trabalho d'essa pequena atriz que eu vira uma noite, por acaso, pela primeira vez n'um ditinto teatrinho do Arco Baudeira, fazendo papeis n'uma revista safada e obscena.

Quanto tempo passado já! Tão pouco porém para explicar aquella maravilhosa metamorfose n'uma grande artista de miniatura!

Lembro-me bem: fôra n'uma noite em que o frio era muito e a chuva impertinente e gróssa; que eu entrei n'aquello canto do Rocio em que uma luz vermelha projetando o seu clarão sobre a rua illuminava o Arco de Bandeira.

Foi ali, sob a sua abobada, refugiado da chuva que não cessava, que tive tentações d'ir esperar lá para dentro, para o salão, atraído pelo desejo comodo de ter pelo menos uma cadeira onde me sentar. Foi assim que entrei ali n'essa noite, e que pela primeira vez os meus olhos viram Judith de Castro, tão pequenina e tão magra que logo o meu espirito fantasista — e quem sabe se verdadeiro! — ficou a seismar, apreensivo, no martirio d'aqueles tenros anos despidos de carinhos, expiando já a vida sobre as taboas d'um ignorado cinematografo com palco.

Recordo-me ainda bem do seu rosto de boneca e dos seus olhos negros e meigos: era tão pequenita que parecia não ter mais que 9 anos!

N'uma apoteose a qualquer ideal ela vinha de negro, com os seus pequeninos cabelos soltos, o rosto palido como o duma tísica, em que a tinta de caracterisar imprimia sulcos. Simulando miseria e dôr, rota e descalça como uma filha da desgraça, ela vinha dizer uns versos, pobres de factura, mas em que havia idéias nobres, e era tal o calor e o entuziasmo que lhes emprestava ao dizel-os, que as suas faces se afogueavam, trahindo-lhe o sangue a caracterização e o branco e desbotado do seu rosto. O publico aplaudiu e eu saí, pensando n'essa criança, cujo nome conservei de memoria; gabei-a aos meus amigos e alguns foram vê-la.

Depois passaram-se anos, esqueci o episodio e nunca mais ouvi falar n'ela. Uma vez, um amigo querido e formosa alma de poeta, propôz-me colaboração para uma peça em verso destinada a crianças e que conserve ainda guardada por não haver teatro infantil em Portugal, na acepção nobre do termo: Ao escrevel-a pensei então de novo no teatrinho do Arco Bandeira e a recordação d'aque-

la noite chuvosa d'inverno, veio-me outra vez ao espirito: o teatro porém já não existia. Nunca mais pensei n'isto. O tempo porém que nunca esquece as primeiras impressões — que são as mais verdadeiras — não teve artes de conseguir arrancar-me da memoria a lembrança d'aquella noite perdida no passado: e um dia, ao dobrar uma esquina, foi surprezo e admirado que li a caracteres vermelhos aquelle nome no cartaz do teatro Nacional, carreando aos hombros na distribuição do «Frei Luiz de Sousa» o difficil papel de D. Maria de Noronha. Confesso que foi cheio d'anciedade e temor que esperei a sua primeira representação: A' noite os receios dissipavam-se completamente ao ver a plateia envolver n'uma apoteose de triunfo a pequenina, a graciosa actriz cujo nome o publico desconhecia.

O seu triunfo, porém, fôra absoluto: Ao outro dia a critica occupava-se d'ela e o seu nome foi então apregoado sob o successo inolvidavel daquela noite.

Assim nasceu a actriz para o publico: d'aquella criança que eu conhecera n'uma noite invernosa e triste, fizera o temperamento de puro quilate um d'esses raros exemplos de preciosidade artistica que só muito excepcionalmente aparecem e só quando ha o verdadeiro oiro nativo do Talento!

Alvaro, o grande actor que n'essa mesma noite reaparecia ali, n'aquello palco que lhe fora berço de legitimos e incontestaveis triunfos, aconchegando a si aquella criança tremula de comoção e felecidade, sob uma tempestade atoadora d'aplausos depunha-lhe comovido na face um beijo. sereno e luminoso.

Fora esta a primeira grande, inolvidavel, e consoladora recompensa que ella recebia da arte!

*

Os senhores ouviram certamente todos falar no «Primo Bazilio» ali do Gimnasio e tambem pela certa leram depois os jornais.

O sr. Vaz Pereira, que pode ser uma pessoa illustrada, tivéra contudo uma ideia infeliz e inconveniente: extrair uma peça do romance do Eça, sem lhe consultar a memoria; o resultado viu-se. Esqueceu-lhe assim que ha um culto pelos grandes homens e pelas suas obras. Nós os sacerdotes d'essa religião não fizemos mais do que imitar Cristo: expulsámos do templo do teatro portuguez os vendilhões que n'ele queriam mercadejar. Contudo um outro ensinamento se tirou d'esta representação: é o de que uma boa actriz, até dentro d'uma peça má é capaz de ser uma grande actriz. Na verdade o trabalho de Maria Matos foi o unico de valor dentro d'este triste «Primo Bazilio» que tremeu, tremeu, e *caiu ruído*...

*

Guitry veio pela primeira vez a Portugal. Teve todas as noites no teatro que ressuscitou d'um montão d'escombros e ruinas carbonisadas, tal como a Fenix lendaria — isto tem-se dito tanto já! — um publico distincto e encazacado.

Representou admiravelmente: a sua mascara brutal, ferrea, quasi feroz, revelon-se-nos em todos os aspéto. Não é sublime como Zacconi: contudo para ser grande em toda parte bastou que o eco da sua fama passasse as barreiras da França.

E aqui, o nosso publico, encheu-lhe o teatro e cançou as mãos a aplaudil-o... Isto não impede porém, que amanhã, Roza, Brazão e Ferreira da Silva vão para ali, para aquelle mesmo lugar, representar para um publico que não dá palmas e que nem sempre pagou na bilheteira os seus logares...

SACADURA CABRAL.

LER NO PROXIMO NUMERO:

SECÇÃO DE ARTE — «*Subsidios para a historia da arte portugüesa contemporanea* (Análise, Critica e Biografia, com illustrações)», por *Saavedra Machado* e *Luiz Chaves*.

Noções sobre o estado actual das sciencias em Portugal (Quimica, Fisica, Geologia, Matematicas, etc.), pelas individualidades mais distinctas do nosso meio universitario.

QUESTÕES LITERARIAS — *Manuel Augusto, poeta ilhéu, ou «O Concurso do sr. Marquez»*, por *A. Bustorff*; e ainda artigos de D. Ana de Castro Osório, Dr. J. Joaquim Nunes, etc.

CONSULTAS E INDICAÇÕES

Aos automobilistas

A «ALMA NOVA» responde a qualquer pergunta tecnica ou pratica que lhe queiram dirigir sobre assuntos automobilistas, assim como indicará as casas onde devem comprar os seus artigos em melhores condições.

Aos turistas e hoteleiros

Damos tambem indicação dos preços do hotel ou hotéis que devem procurar todos os turistas ou viajantes que pretendam visitar qualquer região do Paiz.

Recomendamos

Os automoveis e accessorios da casa C. Santos L.d^a, já pela excelencia do material já pela modicidade dos preços. O Sr. Xavier d'Almeida dirá no proximo da excelencia dos automoveis da casa C. Santos L.d^a, cuja secção tem a seu cargo.

(Vide anuncio adiante)

LER O PROXIMO NUMERO DA



ALMA NOVA

CARICATURAS DE COSTUMES
E TIPOS REGIONAES.

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE

ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Rua da Marinha, 15 — FARO

Livraria, Papelaria, Loterias, Tabacos nacionais e estrangeiros

N'este estabelecimento vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras scientificas. Recvem-se diariamente todas as novidades literarias, jornaes de modas, figurinos e publicações.

Grande sortimento em BILHETES POSTAES

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras. Descontos aos revendedores e estudantes. Encadernações a preços modicos.

Agente das principaes casas de LISBOA

Depositario da ALMA NOVA

PELOS TEATROS

Trindade:—Soberba criação do ator Gomes n'essa revista deliciosa de Swalbach que é sem contestação a melhor revista dos ultimos iempos. «O dia de Juizo» tem chamado a Trindade toda Lisboa, que se não cança de a aplaudir.

Eden:—Todas as noites enchenotes consecutivas com o «Diabo a 4» que reapareceu remoçado e gracioso.

Merecem-nos ainda referencia especial, no **Avenida**, a linda revista *Maré de Rosas*; no **Colyseu dos Recreios**, a esplendida companhia de opera lyrica, onde figuram notabilidades, como Kruzeniski e Batistini; no **Polyteama**, emocionantes peças como *A vida de um rapaz pobre*, *A Martir* e outras que vão subir á scena; no **Apolo**, a palpitante revista de Marçal Vaz, Artur Rocha e Alvaro Santos *Palavra de honra!* e no **Fantastico**, a conhecida revista de Pedro Bandeira *Já vi tudo!*

—Recomendamos tambem aos nossos leitores os brilhantes films e variedades do **Salão Foz**, e os belos concertos e peliculas do **Olympia**, do **Chiado Terrasse**, do **Salão da Trindade**, **Central**, **Rocio**, **Chanteeler** e **Loreto** de fitas faladas.

ANTONIO GRAVITO MARTINS

Rua D. Francisco Gomes, 35 a 41

e Rua Ivens, 2 a 4 — FARO

Fazendas, Modas e Retrozaria

SEMPRE NOVIDADES DE ESTAÇÃO

Livraria Internacional

EDUARDO J. PEREIRA

Agente das principaes casas editoras de todo o mundo.

48, Rua 1.º de Dezembro, 48 — FARO

Livraria, Papelaria, Musicas e Loterias

TABACOS NACIONAES E ESTRANGEIROS

N'este estabelecimento vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras scientificas. Recvem-se diariamente todas as novidades literarias, jornaes de modas, figurinos e publicações.

Grande sortimento em Bilhetes Postaes

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras. Descontos aos revendedores e estudantes. Encadernações a preços resumidos. **Vende a ALMA NOVA**

C. SANTOS L. da R. do Comercio, 42
 ————— LISBOA —
AUTÓMOVEIS
MAXWELL — Com cilindros e mis en marche electricos, 25 HP.
 1.750\$000 rs.
STUDEBAKER — O Rei dos Automoveis — Todos os aperfeiçoamentos modernos. 7 logares, 2.600\$000 rs.
CAMION REPUBLIC ————— Velas "REFLEX,"
 O MELHOR ————— INFALIVEIS E ETERNAS
 Façam um pedido á titulo de experiencia



CASA DAS SEMENTES
 FUNDADA EM 1834

Alfredo Carneiro de Vasconcelos & Filhos
 105, Rua de S. João, 111
 PORTO

Sementes
 Hortaliças, flores, arvoredos, cereais, pastos, etc.
 Pedidos a
Alfredo Carneiro de Vasconcelos & Filhos
 105, Rua de S. João, 111
 PORTO



TONICO ALPINO

(CAPILAR) REGISTADO

Sem drogas quimicas, o melhor; o melhor e mais activo dos tonicos até hoje conhecidos.

Aos descrentes; já cansados de experiencias com diversas drogas, mas sem resultado, devem fazer mais um esforço, usando o incomparavel

TONICO ALPINO

É, pois, a descoberta mais feliz contra a caspa e calvice, já usado e recomendado por distintos medicos do paiz.

À VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS

DEPOSITO GERAL:

6, Rua do Loreto, 8—LISBOA
 A. Ribeiro Cardoso

DEPOSITARIOS: PORTO - Carlos Camanho.
 ILHA S. MIGUEL - Botelho & Vieira, farmaceuticos

Fabrica Industrial 1.º de Maio

SARRALHARIA MECANICA E CIVIL
FUNDAÇÃO DE FERRO E BRONZE



MANUEL CARVALHO
RUA INFANTE D. HENRIQUE, 186—FARO

Construcção de Poços Artesianos. Vendem-se materiaes para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis. Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição. Fazem-se charnas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os uter silios agriculas. Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

Preços sem competencia. Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica



ALMA NOVA

(CAPA DE SAAVEDRA MACHADO)

REVISTA MENSAL

LITERATURA **SCIENCIAS**

E **ARTES**

PROPAGANDA E TURISMO

PREÇO 10 Ct.vos

ALMA NOVA

Revista mensal de literatura, sciencias, artes, propaganda regional e turismo,—para Portugal, Brazil, Ilhas e Colonias.—DIRECTORES: A. Bustorff, M. Moreno e Saavedra Machado.

Corpo redactorial: Bernardo de Passos, José Dias Sancho, F. A. Mendonça, José G. Murta, Dr. Mauricio Monteiro, José Rebelo, Sacadura Cabral, Samora Barros, Rita da Palma, Ascensão Contreiras e José Pavia de Magalhães.—Representantes e agentes em todo o Paiz e Extrangeiro.—Serviços de administração: Luiz Serpa e Bretts Perêira.—Edição e gerencia de João Rico e M. Moreno.—Propriedade da Sociedade «AMIGOS DO ALGARVE» (Toda a correspondencia para a RUA DA PENHA DE FRANÇA, 12, 1.º — LISBOA).

COLABORADORES

LITERARIOS

Dr. Agostinho Campos, Agostinho Junior, Dr. Agostinho Lucio, Dr. Alberto d'Oliveira, D. Anade Castro Osório, Dr. Antonio Cabreira, Antonio Ferro, Dr. Arlindo Monteiro, Bernardo Vila Nova, Dr. Braga Paixão, Dr. Candido Guerreiro, D. Conceição d'Eça de Mello, Dr. Carrasco Guerra, Carlos Pimentel, F. Carvalho Mourão, Dr. Fidelino de Figueiredo, P.º Francisco Manuel Alves, Dr. Geraldino Brites, Gonçalo d'Oliveira (pseudonimo), J. Ferreira Netto, Dr. João Lucio, J. Paula Nogueira, José Parreira, Dr. Julio Dantas, Julião Quintinha, Laurinda Serytram (pseudonimo), D. Laurentina de Jesus, Lucio d'Azevedo, Luis Chaves, Luis Leitão, Manuel F. Estanco Louro, Marcos Algarve, Dr. Mario d'Artagão, Mario Pacheco, Moreira Telles, Oldemiro Cesar, Pedro de Menezes, Pedro M. Judice, Dr. Rodrigues Davim, Ronald de Carvalho, Santos Vieira, Seves d'Oliveira, Silva David, Thomaz Cabreira, Vasco de Campos, etc.

ARTISTICOS

Pintores e Desenhadores

Martinho da Fonseca, Alberto Sousa, Eduardo Romero, Armando de Lucena, Alberto de Lacerda, Gilberto Renda, Falcão Trigo, Frederico Ayres, Lyster Franco, Adriano Costa, José Basalissa, D. Laura Nogueira, D. Maria Pires Chaves, Henrique Pimenta, etc.

Escultores

Maximiano Alves e Raul Xavier

Arquitectos

José Urbano de Castro, Rebelo de Andrade, Edmundo Tavares e Deolindo Vieira.

Desenhadores

Ruy Sedas Pacheco, Antonio Alves Pereira, Antonio M. d'Oliveira, Boaventura Passos, etc.

Ilustradores e Caricaturistas

Emerico Nunes, Cristiano Cruz, Hypolite Colomb, Stuart Carvalhaes, etc.

Compositores musicaes

Padua Franco, Rebelo Neves e Pavia de Magalhães

Reportagem fotografica no Algarve a cargo de Francisco Solesio Padinha e A. J. Teixeira

Só se publica colaboração solicitada "por nós,"

SUMARIO

ANO II—MARÇO, 1916—N.º 3 (15)

O conflito europeu: Portugal em Estado de Guerra.—Os Novos Trianons.—*Alberto d'Oliveira*. **Arte, Letras, Sciencia e Filosofia:** O Rouxinol nos povos indo-europeus. (Notula filologica).—*J. J. Nunes*. A Canção dos teus olhos, versos, *Fernando Carvalho Mourão*. **Poetas e escritores na intimidade:** Eça de Queiroz.—*C. d'Eça de Mello*. **Contos, lendas e tradições algarvias:** As mouras encantadas.—*Ataide Oliveira*. **Balanço Mensal:** J. Saavedra Machado; D. Francisco Gomes do Avelar.—*Mateus Moreno*; Cronica de Arte.—*Luiz Chaves*; Balanço Literario.—*A Bustorff*; Teatros.—*Sacadura Cabral*. **Arte!** Cabeça de Meretriz (Separata)—*Saavedra Machado*; Alemtejanos (Nota humoristica)—*Saavedra Machado*; Cabeça de criança (Separata)—*Eduardo Romero*; J. Saavedra Machado (auto-mascarilha); D. Francisco Gomes do Avelar.—*Saavedra Machado*.

Gravuras executadas nas oficinas d'A ILUSTRADORA